



**ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**1º Ten Inf FEDERICO JOSÉ PARODI**  
**República Argentina**

**BATALHA DE “PRADERA DE GANSO” (27/29 Maio 82):**  
***A aplicação do princípio da Massa como fator de desequilíbrio***

**Rio de Janeiro**  
**2017**

## ***Batalha de “Pradera de Ganso” (27/29 Maio 82): A aplicação do princípio da Massa como fator de desequilíbrio***

### **RESUMO**

Muito se escreveu a respeito da batalha de “Pradera de Ganso”, acontecida entre os dias 27 e 29 de Maio de 1982. O resultado final da batalha, vitória britânica, evidencia que as forças atacantes, conseguiram atingir uma superioridade relativa no campo suficiente para lograr o êxito. Autores argentinos, britânicos e também de terceiros países têm escrito sobre a primeira batalha de grandes dimensões da Guerra das Malvinas. Mas a maioria das publicações aborda o tema desde uma perspectiva descritiva das ações, sob a forma de testemunho direto dos combatentes. Estes são muito ricos em detalhes e anedotas, mas não fazem uma análise profunda, nem metódica da tática. Algumas publicações, poucas, abordam efetivamente o tema desde o ponto de vista tático que procura esta pesquisa. Porém algumas consideram a superioridade logística britânica como fator decisivo da batalha, outras assinalam o poder de fogo, o emprego dos mísseis MILAN e helicópteros, ou ainda, o nível de treinamento das tropas, entre outras. É em vista da falta de consenso a respeito do fator predominante no sucesso militar britânico que levamos adiante esta pesquisa.

**Palavras-chave:** Decisão, Superioridade Relativa, Fator de desequilíbrio, Poder Relativo de Combate.

### **ABSTRACT**

Much has been written about the battle of “Pradera de Ganso” (Goose Green), happened between May 27/29<sup>th</sup>, 1982. The final result of the battle, British victory, makes evident that the attacking forces achieved a relative superiority on the field enough to achieve the victory. Argentinian as well as British and third-countries authors have written about the first large battle of Falkland’s war. But most of the publications approach the issue from a descriptive perspective of the combat actions, in the form of direct testimony of the combatants. These are very rich in details and anecdotes, but do not make a deep nor methodical analysis of the tactic. Some few publications approach the case effectively under the tactical point of view that we are looking for in this investigation. However, while some of them consider the British logistical superiority as the decisive factor of the battle, others mark the firepower, the employ of MILAN missiles and helicopters, or even, the training level of the troops, among other. It’s considering this lack of consensus regarding the preponderant factor in the British military success that this investigation was carried out.

**Key Words:** Decision, Relative Superiority, Disequilibrium Factor, Relative Combat Power.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	04
1.1 PROBLEMA.....	05
1.2 OBJETIVOS.....	05
a) OBJETIVO GERAL.....	05
b) OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	05
1.3 JUSTIFICATIVAS .....	06
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	06
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	06
3.1 Reconstrução da Batalha.....	08
Oportunidade da Batalha.....	09
O Terreno.....	09
As Condições Meteorológicas.....	09
As Considerações Civis.....	10
As Forças Argentinas.....	10
As Forças Britânicas.....	11
Resumo da Batalha.....	12
3.2 Comparação do Poder de Combate.....	13
3.2.1 A Influência do Poder de Combate.....	14
<u>Função de Combate: MOVIMENTO E MANOBRA</u> .....	14
<u>Função de Combate: FOGOS</u> .....	17
<u>Função de Combate: PROTEÇÃO</u> .....	19
<u>Função de Combate: INTELIGÊNCIA</u> .....	21
<u>Função de Combate: COMANDO E CONTROLE</u> .....	23
<u>Função de Combate: LOGÍSTICA</u> .....	25
Os Fatores Morais.....	28
3.2.2 A influência do Ambiente Operacional.....	30
O Terreno.....	30
<i>As Condições Meteorológicas</i> .....	31
<i>As Considerações Civis</i> .....	32
3.3 Identificação dos fatores que influíram no resultado da batalha.....	33
<b>4 CONCLUSÕES</b> .....	36
4.1 Hierarquização dos fatores.....	36
4.1.1 Fatores de Força e Fraqueza.....	36
4.1.2 Fatores Determinantes.....	37
4.1.3 Fatores Decisivos.....	38
4.2 Seleção do fator de Desequilíbrio.....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

A guerra das Malvinas (“Guerra de Malvinas” em espanhol, “Falklands War” em inglês) aconteceu entre o dia 02 de abril e o 14 de junho de 1982, tendo tido como contendores à Argentina contra a Grã Bretanha pela posse do território das ilhas do Atlântico Sul. Embora o território contestado incluísse, e ainda inclui todas as ilhas do Atlântico Sul (Malvinas, Georgias do Sul, Sandwich do Sul e Orcadas do Sul) o centro de gravidade na guerra esteve nas Ilhas Malvinas (origem do nome da guerra), e mais especificamente na ilha Soledad (ou “East Falkland”).

A batalha de Prado de Ganso (“Pradera de Ganso” em espanhol, “Goose Green” em inglês) é considerada a primeira batalha terrestre da guerra das Malvinas. Embora a batalha tenha acontecido cronologicamente depois da metade do conflito (a quase dois meses do início da guerra que se prolongou por 74 dias), a duração da mesma, a magnitude dos meios terrestres, aéreos e navais enfrentados e a intensidade dos fogos empregados, fazem dela a primeira batalha propriamente dita. Assim, os desembarques argentinos na Ilha Soledad (02 Abr) e na Ilha Georgia do Sul (03 Abr), juntamente com o desembarque britânico em San Carlos (21 Maio) podem ser considerados comparativamente combates menores.

Nesta batalha, acontecida entre os dias 27 e 29 de maio de 1982, uma força argentina que se encontrava ocupando há um mês a pequena localidade de Pradera de Ganso, no istmo do mesmo nome, foi atacada por uma força britânica que tinha desembarcado uma semana antes na baía de San Carlos, 20 km ao NW.

As forças enfrentadas foram um Batalhão de Infantaria Leve (reforçado) na parte argentina defendendo um istmo chamado de “Darwin-Prado de Ganso” contra um Batalhão de Infantaria Paraquedista (reforçado) na parte britânica que atacava. Ante esta aparente paridade de forças surgem numerosas perguntas:

Como é que as tropas britânicas obtiveram a vitória, sendo que a doutrina militar terrestre assinala que a relação de poder de combate mínima para conquistar uma posição é de 3 para 1? Foi realmente um batalhão reforçado contra outro? Qual foi a chave de vitória britânica? Existiam pré-condições que favoreciam aos britânicos? As forças argentinas que defendiam o istmo tinham alguma possibilidade de obter a vitória nessas condições? Ao longo deste trabalho tentaremos encontrar a resposta a estas e muitas outras perguntas que surgem naturalmente para quem estuda a guerra das Malvinas e esta batalha em particular.

## 1.1 PROBLEMA

Um aspecto muito interessante da batalha mas não muito estudado foi o chamado Combate na colina Darwin. Por muitos é considerado o ponto de inflexão da batalha ou o combate mais difícil. De fato, após os primeiros ataques britânicos que progrediram com esforço mas sem perder a impulsão inicial, houve um momento no desenvolvimento da batalha em que se produziu uma situação de equilíbrio, um determinado período de tempo em que o ataque britânico foi detido e nenhuma das forças enfrentadas conseguia obter vantagem alguma que lhe permita impor sua vontade ao inimigo<sup>1</sup>.

Existe suficiente consenso em que esse momento de equilíbrio aconteceu quando as forças britânicas atingiram os núcleos defensivos argentinos localizados na linha que une a colina “Darwin” com as ruínas chamadas de “Boca House”. Esse momento se aconteceu aproximadamente 4 horas após o início do ataque britânico. Se prolongou por quase 6 horas, desde pouco antes da saída do sol até aproximadamente o meio-dia do 28 de maio.

Como conseguiram os britânicos romper essa situação de equilíbrio e continuar com o ataque? O que mudou na situação? O que tinha detido a progressão do ataque? A pergunta fundamental que tentará responder esta pesquisa é: *“Entre todos os fatores que incidiram no resultado final da batalha de Pradera de Ganso, qual foi o que produziu o desequilíbrio a favor das tropas britânicas?”*

## 1.2 OBJETIVOS

a) OBJETIVO GERAL: Identificar o fator que produziu o desequilíbrio na batalha de “Pradera de Ganso”.

b) OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1- Contextualizar, no tempo, espaço e no momento da campanha, a batalha de “Pradera de Ganso”.

2- Descrever as forças enfrentadas ao começo da batalha.

3- Resumir o desenvolvimento da batalha.

4- Comparar o Poder de Combate das tropas argentinas e britânicas.

5- Comparar a influência do ambiente operacional nas tropas argentinas e nas

---

<sup>1</sup> FITZ-GIBBON, 2001.

6- Identificar, sob um ponto de vista tático, fatores ou pré-condições favoráveis ou desfavoráveis tanto para o ataque como para a defesa.

7- Hierarquizar os fatores segundo o grau de influência no resultado final da batalha.

### 1.3 JUSTIFICATIVAS

Esta pesquisa justifica-se na quantidade e importância das lições que podem se extrair deste caso particular de estudo. A Guerra das Malvinas é considerada por muitos historiadores como a última guerra de caráter convencional do século XX e, portanto, se podem extrair dela muitas experiências relevantes e ainda vigentes.

A análise dos fatores que determinaram o resultado da batalha pode contribuir a constatar aquilo que está escrito nos manuais de tática do nível subunidade até brigada inclusive, e contribuir também a melhorar o ensino militar dos comandantes táticos, apoiado nas lições que pode trazer o estudo da história militar contemporânea.

Contribui igualmente para confirmar a vigência dos princípios da guerra e muitas normas da doutrina que ainda hoje constitui o núcleo da doutrina militar terrestre dos países membros da OTAN e dos países do mundo ocidental em geral.

## 2 METODOLOGIA

Para cumprir com os objetivos propostos neste **artigo** o método de abordagem da pesquisa foi o **fenomenológico**. O tipo de pesquisa foi **explicativo** quanto ao objetivo geral procurando interpretar e explicar o caso histórico sob uma perspectiva tática específica. A forma de abordagem foi **qualitativa** e se baseou numa ampla **pesquisa bibliográfica** não só dos testemunhos dos combatentes mas também das pesquisas de historiadores. As **fontes** utilizadas foram principalmente livros, mas também foram incluídos artigos publicados na internet, relatórios oficiais e memórias dos combatentes.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido ao fato de que o objetivo desta pesquisa é a identificação do fator de desequilíbrio da Batalha de “Pradera de Ganso”, a pesquisa foi dividida numa

sequência lógica de 5 passos. Começou com uma **“Reconstrução da Batalha”**, baseada na revisão ampla da literatura existente sobre a batalha em questão, visando inicialmente a conhecer com detalhe não só as características das forças opostas, mas também de todos os fatores que compõem o ambiente operacional.

No que se refere ao Terreno, Condições Meteorológicas ou Considerações Civis não houve maior dificuldade por existir suficiente informação, coincidente e/ou complementar. Mas foi precisamente no estudo das forças opostas onde apareceu a maior dificuldade: não existia consenso a respeito da composição das forças no campo de batalha. Os britânicos afirmam uma coisa e os argentinos outra totalmente diferente. Mesmo entre britânicos não existia consenso total, nem entre argentinos.

As causas dessa falta de informação pública, definitiva e verdadeira são principalmente duas: O desconhecimento e a subjetividade. Desconhecimento tanto daqueles que estiveram muito longe física e temporalmente do conflito quanto daqueles que estiveram perto demais e por sua função específica no combate ou situação particular não tiveram a possibilidade de enxergar o conjunto, com a perspectiva e clareza necessária. E a subjetividade natural de todas aquelas pessoas que julgam a batalha baseadas na informação que dispõem nesse momento, sob o ponto de vista da situação em que elas se encontravam e afetadas também por as fortes emoções e interesses que produzem, e precedem, as guerras.

Levando isto em consideração, entendemos que a única maneira de começar esta pesquisa com uma base firme e sólida foi realizando uma análise objetiva, metódica, detalhada e profunda da abundante informação disponível para a “reconstrução” da batalha. O método utilizado para o conhecimento do ambiente operacional foi o utilizado para o planejamento das operações militares terrestres por a maioria dos países, pelo menos do mundo ocidental, independentemente do nome que receba (“PITCIC” no Brasil, “Apreciación de Situación de Inteligencia” na Argentina ou “Intelligence Preparation of the Battlefield” nos Estados Unidos, por exemplo).

Uma vez “reconstruído” o ambiente operacional e as forças enfrentadas para os efeitos desta pesquisa, o seguinte passo foi a **“Comparação do Poder de Combate”** entre as forças argentinas e britânicas, incluindo os efeitos do Terreno, das Condições Meteorológicas e das Considerações Civis. Desta maneira procuramos identificar possíveis pré-condições favoráveis ou desfavoráveis tanto para o ataque como para a defesa.

A modo de conclusões parciais, após a comparação do poder de combate se segue a **“Identificação dos fatores que influíram no resultado da batalha”**. Foram excluídos aqueles fatores nos quais a comparação entre as forças manifestou uma situação de equilíbrio (paridade) ou uma ligeira superioridade para uma das forças, mas incapaz de influir no resultado da batalha.

Sabendo que o resultado da batalha poderia ser produto da conjunção de muitos fatores e não só de um “fator decisivo”, propusemos uma **“Hierarquização dos fatores”**, tentando determinar seu grau de influência no desenvolvimento e resultado da batalha.

O último passo, à luz do desenvolvimento da batalha, foi a **“Seleção do fator de Desequilíbrio”** a favor dos britânicos e sua justificação táctica. Fizemos uma análise não só dos fatores do Ambiente Operacional antes da batalha, mas também do desenvolvimento dos acontecimentos, das decisões tomadas pelos comandantes e dos princípios da guerra aplicados durante a mesma.

Resumindo, os passos seguidos nesta pesquisa foram os seguintes:

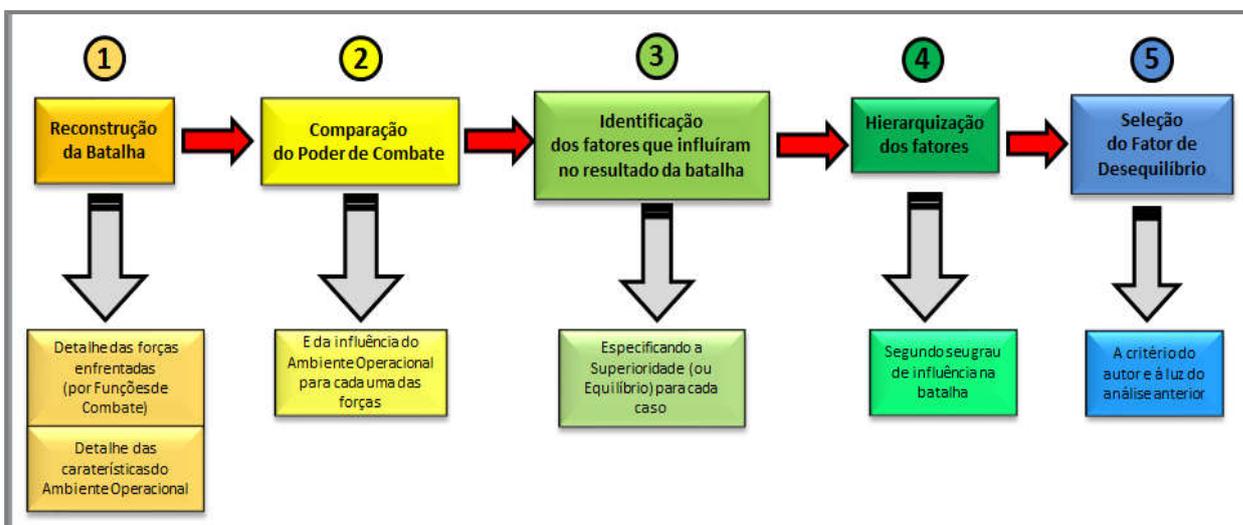


FIGURA Nr 1: **Passos em que foi dividida a pesquisa**

Fonte: O autor.

### 3.1 Reconstrução da Batalha

Para uma adequada compreensão da batalha começaremos por fazer uma contextualização em tempo e espaço junto com uma descrição do ambiente operacional e a explicação da organização das forças enfrentadas. Logo após resumiremos a batalha.

## ***Oportunidade da Batalha***

A batalha aconteceu entre a manhã do 27 de maio em que as patrulhas de reconhecimento britânicas entraram em contato com as posições avançadas de combate argentinas e a manhã do 29 de maio de 1982 em que o comandante das forças argentinas no campo de batalha aceitou a rendição das tropas frente ao comandante britânico.

## ***O Terreno***

A totalidade dos combates se desenvolveram num istmo chamado “Darwin”, em razão do nome duma das duas localidades presentes no mesmo. Este istmo encontra-se no centro da ilha “Soledad” e constitui a única comunicação entre a parte norte da ilha e a parte sul, chamada “Lafônia”. O istmo forma uma faixa estreita com orientação SW-NE tendo um comprimento de 7 km, uma largura máxima de 2,3 km e uma largura mínima de 1,3 km. Sendo assim, a batalha aconteceu numa área aproximada de 16 km<sup>2</sup> ou 1.600 hectares. O terreno no istmo é praticamente plano, com pequenas ondulações que não superam nunca os 45 metros sobre o nível do mar. Como se analisará mais à frente, o principal acidente capital do istmo era a colina Darwin, que materializou o ponto decisivo. O solo é mole, elástico e quase permanentemente úmido. Está atravessado por alguns córregos de pouca profundidade, geralmente transversais ao istmo. A vegetação é escassa: o solo está coberto de grama, existem algumas linhas de arbustos e alguma árvore isolada na localidade de Darwin.

## ***As Condições Meteorológicas***

As condições meteorológicas durante a batalha não fugiram das normais para essa época do ano: muito frio, úmido e com escassas horas de luz (8 hs) devido ao inverno imperante, com a saída do sol as 0900 hs e o pôr do sol as 1700 hs. A temperatura média era de 2°C oscilando entre os 10°C ao meio-dia e os – 7°C com geadas à noite. A alta umidade combinada com as baixas temperaturas causam chuvas quase diárias e frequentes nevoeiros não só na saída e pôr do sol mas também durante o resto do dia <sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> PIAGGI, 1986.

## **Considerações Civas**

Quanto às considerações civis a área conta com duas pequenas localidades: Pradera de Ganso e, menor ainda, Darwin. Existem também as ruínas duma antiga construção argentina do século XIX. A população que mora no lugar soma um total de 114 “Kelpers”, todos de origem britânica e favoráveis a eles<sup>3</sup>. Em Darwin fica a residência do administrador da firma “Falklands Islands Company”, a empresa britânica que é dona e administra a quase totalidade do território e dos bens das ilhas.

## **As Forças Argentinas**

As forças argentinas na batalha estavam estruturadas sobre a base do 12° BI que, após ter recebido diferentes reforços, adotou o nome de “Força de Tarefa Mercedes”. O mesmo estava gravemente diminuído em pessoal e material. Tinha a menos uma Cia Fuz e carecia quase totalmente de elementos de apoio de fogo orgânico, de elementos logísticos orgânicos e de rádios. Isso a causa do bloqueio aeronaval britânico impedir a finalização do transporte do batalhão. Recebeu em reforço uma companhia da infantaria, uma bateria de artilharia de campanha, um pelotão de artilharia antiaérea e um Gp de Engenharia. Se encontrava também no centro do dispositivo pessoal da Força Aérea Argentina mas não estava em reforço nem em controle operacional.

O núcleo da FT foi então o 12° BI a duas Companhias de Infantaria (uma delas com um Pel Fuz a menos) Faltava a Cia B que se encontrava em proximidades de Porto Argentino, a 80 km. Foi reforçado com a Cia C/25° BI a dois Pel (sem 1 Pel Fuz e o Pel Ap). Foi também reforçado com o 3° Pel Fuz/C/8° BI. A Força de Tarefa tinha então 8 Pel Fuz ao começo da batalha.

O apoio de fogo da FT estava formado por uma Cia de artilharia de campanha em reforço com 3 Can Otto Melara 105mm e um pelotão de artilharia antiaérea em reforço também com 6 Can de 20mm e 2 Can de 35mm. Recebeu ainda em reforço um grupo de engenharia a 11 homens, com a dotação completa.

A Companhia de Comando e Apoio do batalhão carecia de todas as armas pesadas e seus pelotões de Reconhecimento, Antitanque, Morteiros, Comunicações e Vigilância Terrestre estavam sem seus materiais.

Finalmente a FT tinha 202 homens da Força Aérea Argentina que operavam a

---

3 RUIZ MORENO, 2011.

pista de pouso de Pradera de Ganso chamada de Base Aérea Militar “CÓNDOR” e não integravam a força de tarefa. Esse pessoal tinha somente pistolas 9mm e pistolas-metralhadoras de 9mm. O comandante da Base Aérea era mais antigo do que o comandante da força de tarefa e seu pessoal embora estivesse no campo de batalha, nunca participou da mesma<sup>4</sup>.

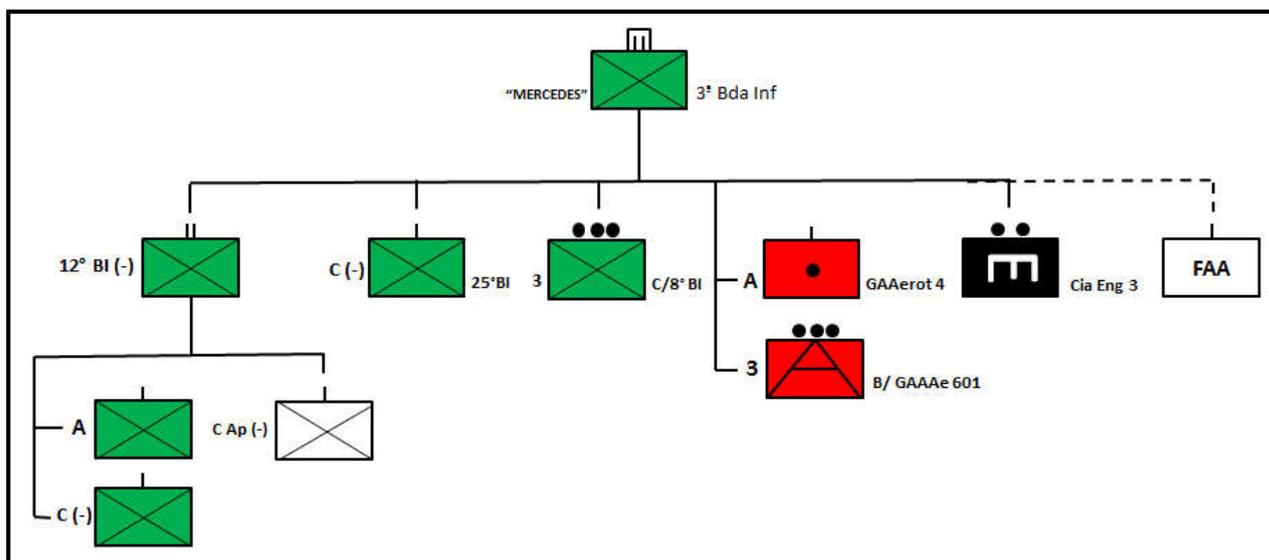


FIGURA Nr 2: **Composição da FT “MERCEDES”**  
 Fonte: PIAGGI, 1986.

### As Forças Britânicas

Na parte britânica as forças atacantes receberam o nome de “Grupo 2 Para”, devido a que o núcleo da força estava no Batalhão de Infantaria Paraquedista 2. O batalhão britânico, o famoso “Para 2”, era quaternário, tendo 3 companhias de fuzileiros e uma companhia de reconhecimento e patrulhas a dois pelotões. Tinha então 11 pelotões de fuzileiros no começo da batalha. Sua companhia de comando estava a 4 pelotões: Pel Cmd, Pel Com, Pel Trnsp e Pel Sal. Sua companhia apoio tinha 5 pelotões: anticarro (a 6 Mss AC Milan), morteiros (a 2 Mrt 81mm), metralhadoras, engenheiros de assalto, e caçadores (6 Cçd).

O batalhão tinha sido reforçado com uma bateria de artilharia de campanha (a 3 Can 105 mm), um Gp de defesa antiaérea (MI Bowie) e um pelotão de engenharia de combate. Além disso, tinha sob controle operacional os seguintes elementos: uma fragata tipo 21 (HMS Arrow), um batalhão de helicópteros (17 de transporte e 4 de ataque) e um esquadrão de aviões de ataque (a 4 Anv Harrier GR-3)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> PIAGGI, 1986.

<sup>5</sup> HASTING e JENKINS, 1984.

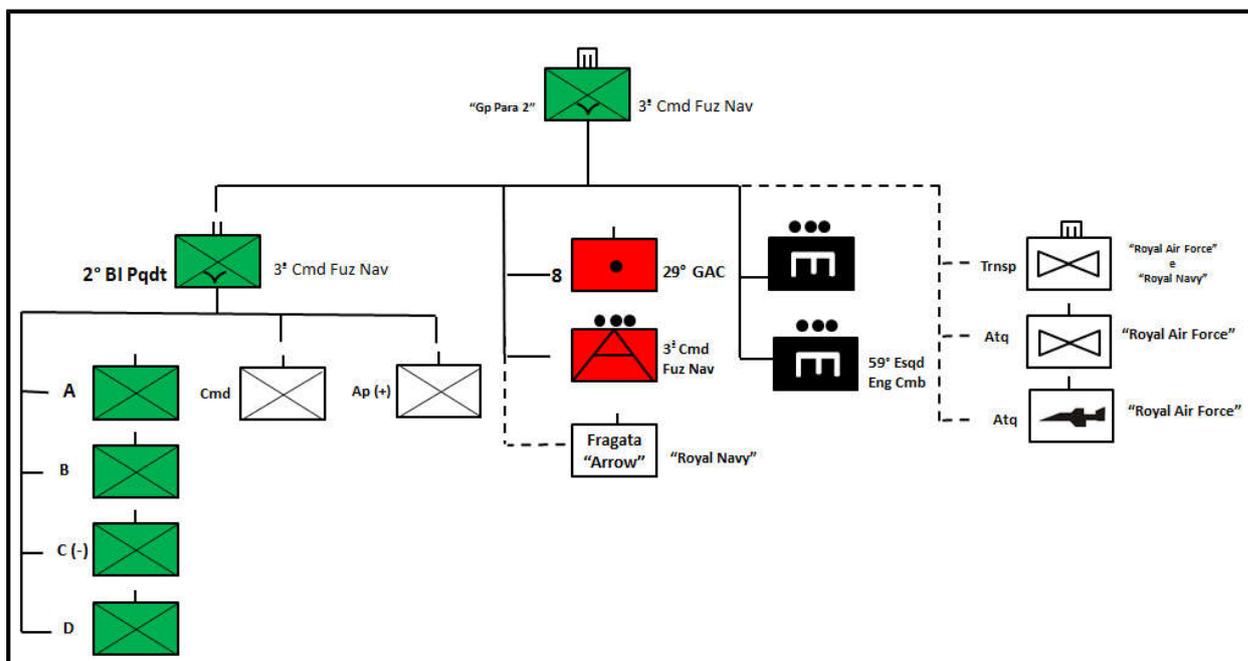


FIGURA Nr 3: **Composição do “Grupo Para 2”**  
 Fonte: THOMPSON, 1987.

### **Resumo da Batalha**

O Plano de operações do Cmt britânico dividia o ataque em 6 fases onde especificava com alto grau de detalhe os progressos que esperava para cada uma de suas 4 companhias, e que requeria uma estreita e precisa coordenação de tempo e espaço entre as peças de manobra. Este plano concebido pelo TC Jones carecia de simplicidade, flexibilidade e rapidez. Segundo as palavras do próprio subcomandante da forças britânica o plano de ataque inicial não facilitava a compreensão por parte dos comandantes subordinados. O plano inicial também não definia claramente o esforço principal e os esforços secundários. Assim, o esforço do ataque foi diluído em toda a frente <sup>6</sup>.

Estava contemplado iniciar o ataque às 0230 e conquistar a localidade de Pradera de Ganso com o nascer do sol do dia 28 de maio. Desde que o Para 2 ultrapassou a L P Atq à hora H (28 0230 Maio) até que começou o ataque à colina Darwin, as forças britânicas não tiveram mais problemas no avanço que algumas resistências leves e a desorientação de algumas frações. Se bem que tinham começado os combates contra PAC argentinos, em geral estes retraíram sem oferecer uma resistência muito forte. Porém, com as primeiras luzes do dia, começaram os problemas para o “Para 2”. Como consequência do nascer do sol os fogos aproximados da defesa argentina resultaram cada vez mais eficazes sobre as

<sup>6</sup> FITZ-GIBBON, 2001.

britânicas que não tinham quase onde abrigar-se. As baixas britânicas começaram a aumentar. Desde o começo do dia o ataque britânico tinha sido detido na linha Darwin-Boca House (LAADA)<sup>7</sup>.

Aconteceu então que após um contra ataque argentino foi morto o Cmt da força britânica, sendo substituído pelo subcomandante, o Mj Keeble. A mudança na condução do ataque trouxe como consequência a reorganização das forças e a reorientação dos esforços do ataque. Assim, duas SU britânicas concentraram seus esforços sobre o Pel W do LAADA argentino e as outras duas SU atacaram simultaneamente o Pel E enquanto os fogos de apoio direto e indireto, terrestre e aéreo alcançavam a máxima intensidade. Após algumas horas de intensos combates os núcleos de contato argentinos foram submergidos por volta do meio-dia <sup>8</sup>.

A partir de então, o ataque britânico foi muito mais cauteloso, mais metódico e com um ininterrompido apoio de fogo. Os combates se sucederam com muita intensidade e pouca velocidade, até a manhã do dia 29. Pouco antes do meio-dia e com quase a metade da FT fora de combate o Cmt argentino decidiu aceitar a rendição. A força britânica conquistava assim as duas localidades do istmo, quase 30 horas mais tarde do que tinham estimado. A totalidade dos argentinos foi tomada prisioneira e os feridos de ambas as forças foram evacuados e atendidos no hospital de campanha britânico. Argentina era derrotada na primeira das batalhas terrestres da guerra das Malvinas<sup>9</sup>.

### **3.2 Comparação do Poder de Combate**

A continuação será exposta a comparação do poder de combate e a comparação da influência do ambiente operacional para cada força. O poder de combate será comparado utilizando como fatores de comparação os meios do mesmo tipo (2º modelo: Poder Relativo de Combate) segundo as funções de combate, descompostas em suas atividades e tarefas quando for necessário. Os fatores morais estão incluídos após a função de combate Logística. A influência do ambiente operacional será comparada fazendo uma descrição por separado das características do Terreno, das Condições Meteorológicas e das Considerações Civas e de como era a situação particular de cada força <sup>10</sup>.

---

7 THOMPSON, 1987.

8 FITZ-GIBBON, 2001.

9 PIAGGI, 1986.

10 EXÉRCITO BRASILEIRO, 2016.

...mente evidenciar situações de superioridade e/ou pre-condições favoráveis às forças, visando à identificação do fator de

desequilíbrio na batalha. É por isso que não estão sendo aplicados coeficientes matemáticos ou fatores de multiplicação. Para uma maior clareza a última coluna de cada quadro comparativo assinala quem tinha a superioridade na batalha. Após cada quadro serão comentadas algumas situações para facilitar a interpretação do mesmo e introduzir algumas conclusões parciais.

### 3.2.1 A Influência do Poder de Combate

#### Função de Combate: MOVIMENTO E MANOBRA

Função de Combate MOVIMENTO E MANOBRA										
Fatores a serem comparados				FORÇAS ARGENTINAS			FORÇAS BRITÂNICAS			Superioridade (Relativa)
				Detalhe	Quantidade	Comparação (Relação numérica)	Quantidade	Detalhe		
Tropas desdobradas	Totais (Exército, Marinha e Força Aérea)	Efetivos	No começo da batalha	FT "Mercedes" (- Cia B/12° BI, Pel Ap/25 BI e 3° Pel Fuz/25 BI) + Cia FAA + Gp ARA	896	1,29	1	690	BI Pqdt 2	Argentina
			Com os Reforços recebidos	FT "Mercedes"	1.081	1,35	1	800	BI Pqdt 2 + Cia "J"/142° Fuz	Argentina
	Só Exército	Efetivos	No começo da batalha	FT "Mercedes" (-)	684	1	1	690	-	Equilíbrio
			Com os Reforços recebidos	FT "Mercedes"	863	1,08	1	800	-	Equilíbrio
		Pel Fuz	No começo da batalha	FT "Mercedes" (- Cia B/12° BI, Pel Ap/25 BI e 3° Pel Fuz/25 BI)	8 Pel Fuz	1	1,37	11 Pel Fuz	BI Pqdt 2	Britânica
			Com os Reforços recebidos	FT "Mercedes"	12 Pel Fuz	1	1,17	14 Pel Fuz	BI Pqdt 2 + Cia "J"/142° Fuz Nav	Equilíbrio
Empenhadas	Em contato		3° Pel Fuz/C/8° BI + 1 Pel (não Fuz)/Cia Ap	2 Pel Fuz	1	5,5	11 Pel Fuz	As 4 Cia (A,B,C e D) empenhadas em 1 Esc, em Ctx	Britânica	
	Reservas imediatas		Cia Fuz "A" + 2° Pel Fuz/C/25° BI	4 Pel Fuz	3	0	-	-	Argentina	
Tropas ECD Reforçar	Por terra		Cia C/12 BI (-) + 3° Pel Fuz/C/25 BI	3 Pel Fuz	3	0	-	-	Argentina	
	Por Ar (Helic)		Cia B/12 BI + 3° Pel Fuz/C/25 BI	4 Pel Fuz	1	2,24	9 Pel Fuz	42° BI Fuz Nav	Britânica	
Apoio Fogo Orgânico (Mtr 7,62 mm MAG)			As demais ficaram no continente pelo Blq Naval		4 Mtr	1	14	56 Mtr	Gp Ap de 11 Pel Fuz + Pel Mtr/Cia Ap	Britânica
Mobilidade			3° Gp/1 Pel/3° Cia Eng (11)		1 Gp Eng	1	4	2 Pel Eng	Pel Rec Eng/59 Esqd Eng (24)	Britânica
Contramobilidade									Pel "Pioneiros de Assalto"/2° BI Pqdt (20)	Britânica
Dispositivo	Frente Total		Perímetro defensivo		31 Km	14	1	2,2 Km	2.ª Cia Batalhão	Britânica
	Frente Parcial		LAADA "Norte"		2.200 Mts	1,7	1	1.300 Mts	Frente do Atq	Britânica

FIGURA Nr 4: **Comparação do Poder de Combate: Função de Combate Movimento e Manobra**

Fonte: PIAGGI, 1986.

Pode-se perceber do quadro acima que as forças argentinas possuíam uma ligeira superioridade numérica (1,29 para 1) ao começo da batalha, com quase 200 efetivos acima das forças britânicas. Essa superioridade aumentaria ainda um pouco mais (1,35 para 1) após ter recebido reforços enviados desde porto Argentino durante o dia 28 de maio<sup>11</sup>. Mas esses são efetivos totais presentes na zona de combate, sem diferenciar entre tropas em condições reais de combater, tropas com funções auxiliares, logísticas, etc... Portanto, é preciso aprofundar mais para conhecer as forças realmente enfrentadas. Foram excluídas as tropas argentinas da força aérea (202) e da marinha (10) que estavam dentro do dispositivo por serem de natureza não idónea para o combate terrestre (mecânicos, técnicos, tripulação). Os reforços, tanto argentinos

como britânicos, também não são computados por ter chegado fora de oportunidade e não ter tido possibilidade de influir no desenvolvimento da batalha. Assim, as forças argentinas tinham a mesma quantidade de tropas preparadas para o combate terrestre. Existia então uma paridade numérica em tropas para o combate terrestre.

Se aplicarmos o desdobramento de forças no terreno, ou seja, o dispositivo, vamos ver como a relação de poder de combate muda. As tropas argentinas, que estavam isoladas, encontravam-se desdobradas numa defesa aos 360 ° devido a que os britânicos poderiam atacar desde qualquer direção. Cobriam um perímetro de 31 km com 8 Pel Fuz. Considerando que esses Pel poderiam “defender” 7,2 km, “retardar” 12 km e “vigiar” 24 km, conclui-se que se tratava de uma defesa em larga frente, com amplos setores não vigiados. Desde que o ataque britânico foi desde a parte norte do istmo, as posições argentinas voltadas para o norte passaram a constituir-se na frente, enquanto que as outras foram flanco e retaguarda.

Dispositivo argentino: A defesa argentina tinha 1 Pel Rec vigiando e uma Cia Fuz (PAC) retardando (em posições não preparadas), 5 e 2,3 km respectivamente, ao norte da primeira linha. Ao começar o ataque britânico o Pel Rec foi capturado e os PAC retraíram e ocuparam núcleos de ruptura. O dispositivo ficou com 2 Pel no contato y 4 Pel na ruptura.



FIGURA 5: Dispositivo defensivo argentino antes e depois do início do ataque britânico

Fonte: O autor.

Dispositivo britânico: o único escalão de ataque estava conformado por 4 Cia Fuz somando um total de 11 Pel Fuz (reforçado por 2 Pel Eng Cmb)<sup>12</sup>. Considerando que esse poder de combate foi aplicado nos 1.300m do setor norte do LAADA argentino, se chega à conclusão que a densidade de tropas era superior á

11 RUIZ MORENO, 2011.

12 THOMPSON, 1987.

até 1.800m).

Então as tropas enfrentadas realmente foram as seguintes: Argentina possuía 6 Pel Fuz empenhados em primeiro escalão (2 Pel no contato e 4 Pel como reservas imediatas na ruptura) e os britânicos possuíam 11 Pel Fuz empenhadas num único escalão de ataque. Evidencia-se então que na primeira linha (a mais fortificada) argentina a relação de poder de combate quanto a Pel Fuz foi de 5,5 para 1 (11 para 2 Pel Fuz).

Outro fator muito interessante na comparação é o apoio de fogo orgânico. Ambas as forças possuíam metralhadoras MAG de 7,62mm para o apoio de fogo direto. As tropas britânicas empregaram 56 metralhadoras MAG no combate enquanto que as argentinas tinham somente 4 metralhadoras MAG. A relação de apoio de fogo orgânico foi de 14 para 1 a favor dos britânicos com o consequente efeito sobre as posições defensivas<sup>13</sup>.

Quanto à mobilidade e a contra-mobilidade os britânicos superavam aos argentinos em elementos de engenharia com 4 para 1. Porém, esses elementos foram utilizados mais para fazer o semeado dinâmico de minas anti-pessoal do que para abertura de brechas nos obstáculos defensivos. Esse semeado dinâmico era realizado após cada ataque para prevenir possíveis contra-ataques argentinos.

#### **Conclusões Parciais:**

- Apesar da ligeira superioridade numérica argentina quanto a tropas totais e da paridade numérica quanto a tropas aptas para o combate terrestre, a excessiva dispersão das forças argentinas permitiu aos britânicos concentrar um poder de combate marcadamente superior num setor determinado do dispositivo defensivo. (5,5 para 1)
- Os reforços recebidos por ambas as partes não exerceram influência na batalha por ter chegado fora de oportunidade.
- O poder de fogo das armas de apoio orgânico aplicado pelas forças britânicas foi muito superior ao aplicado pelos argentinos (14 para 1).
- Os britânicos possuíam uma ligeira superioridade de elementos de engenharia de combate (4 para 1), mas essa superioridade não foi decisiva na progressão do ataque por ter sido empregada numa função defensiva.

<sup>13</sup> RUIZ MORENO, 2011.

Função de Combate FOGOS								
Fatores a serem comparados		FORÇAS ARGENTINAS			FORÇAS BRITÂNICAS			Superioridade
		Detalhe	Quantidade	Comparação	Quantidade	Detalhe		
Terrestre	Mrt 60 mm	---	---	0	11	11 Mrt	11 Mrt	Britânica
	Mrt 81 mm	---	2 Mrt	1	1	2 Mrt	---	Equilíbrio
	Mrt 120 mm	Placa base soldada ao canhão (Tiro pouco acurado)	1 Mrt	1	0	---	---	Argentina
	Ob 105 mm	A/4º GA Aetmp (1 Can sem aparelho de pontaria)	3 Can	1	1	3 Can	360	Britânica
	Lança-Rojões	Instalaza 88,9 mm	5 L Roj	1	4,4	22 L Roj	LAW 66 mm (contra Pos Fort)	Britânica
	Misseis	---	---	0	6	6 Msl	MILAN 125 mm (contra Pos Fort)	Britânica
	Caçadores	---	---	0	12	12 Cçd	Gp Cçd/Cia Ap	Britânica
	Mtr 12,7 mm	Instalada sobre um JEEP	1 Mtr 12,7 mm	1	0	---	---	Argentina
	Canhão 35 mm	GAAe 601 (utilizado sobre alvos terrestres)	2 Can	2	0	---	---	Argentina
Naval	Navios de guerra	---	---	0	1	HMS "ARROW": - 1 Can 114 mm (Mark 8) - 2 Can 20 mm (Oerlikon) - 4 Msl Exocet M-M - 4 Msl Seacat S-A - 6 Tpd MK-46	Só utilizado durante a noite (As características do Can Mark 8 fazem seus fogos equivalentes a uma Bia 105 mm)	Britânica
Aéreo	Helicópteros (Atq)	---	---	0	4	4 Helic Atq	02 Gazelle e 02 Scout	Britânica
	Aviões (de Atq)	3 Pucará e 2 Aeromacchi (sem Controlador de Fogo Aéreo)	5 Aviões	1,25	1	4 Aviões	4 GR-3 Harrier (com Controlador de Fogo Aéreo)	Britânica

FIGURA Nr 6: **Comparação do Poder de Combate: Função de Combate Fogos**

Fonte: O autor.

Evidencia-se da comparação dos meios de apoio de fogo que as forças britânicas tinham superioridade tanto nos meios de apoio de fogo terrestres como também aéreos e navais. As duas forças enfrentadas fizeram um uso intensivo de todos os meios de apoio de fogo terrestre disponíveis. Mas em quase todos os casos a superioridade foi para os britânicos.

Uma análise superficial das armas indiretas indica uma aparente superioridade argentina, visto que tinham a mesma quantidade de Can 105 mm, de Mrt 81mm que os britânicos e ainda tinham um morteiro 120mm, meio de que os britânicos careciam<sup>14</sup>. Mas se se leva em consideração que os britânicos tinham morteiros 60 mm, que um dos canhões 105 mm e o morteiro pesado argentino não podiam fazer tiro com precisão e, sobretudo, que os britânicos possuíam o apoio de fogo duma fragata durante a noite, se chega a conclusão que a superioridade era claramente dos atacantes. A intensidade e precisão dos fogos indiretos foi fundamental não só para perturbar e causar baixas argentinas senão também para manter aos defensores dentro das posições, facilitando a manobra dos elementos de ataque.

<sup>14</sup> PIAGGI, 1986.

na análise por separado. Quanto ao emprego nente britânica (4,4 para 1), apesar do calibre

menor de suas armas (Instalaza 88,9mm contra LAW 66mm). Apesar de não ter blindados nem mecanizados argentinos, o emprego por parte dos britânicos de mísseis anti-carro MILAN contra as defensas argentinas foi considerado pelos comandantes das companhias atacantes como fundamental para a conquista das posições. Tanto foi assim que nos futuros combates da guerra levariam mísseis MILAN em todos os escalões de ataque<sup>15</sup>. Outra menção de destaque merece o emprego dos caçadores pelos britânicos. Se durante a noite a vantagem no tiro era britânica (por seus meios de visão noturna), durante o dia a vantagem era para os defensores, favorecidos pelo aproveitamento do terreno. O emprego de caçadores foi de muita utilidade para o engajamento de alvos sem expor ao caçador ao fogo diurno preciso dos defensores.

Se até agora a superioridade de fogos foi britânica, houve dois casos em que a superioridade foi decididamente argentina: Metralhadora pesada 12,7mm e canhão de 35mm. Os argentinos conseguiram montar uma metralhadora Browning 12,7mm sobre uma viatura JEEP o que proporcionava uma boa base de fogo contra os atacantes que não tinham esse calibre. E se bem que os dois canhões Oerlikon de 35mm argentinos eram para a defesa anti-aérea, foram utilizados com muito sucesso no tiro direto contra alvos terrestres. O fogo desses canhões deteve numerosas vezes o ataque de duas companhias britânicas<sup>16</sup>.

Quanto aos meios de apoio de fogo aéreos mais uma vez a superioridade foi britânica. Eles possuíam helicópteros de ataque (2 Gazelle e 2 Scout) enquanto os argentinos não. Porém, essa vantagem não foi explorada pelos britânicos pela vulnerabilidade dos helicópteros ao fogo anti-aéreo argentino. Foram utilizados, contudo, para transporte leve, suprimento e evacuação de feridos<sup>17</sup>. Um caso distinto foi o emprego de aviões de ataque. Se bem que quantitativamente os argentinos utilizaram mais aeronaves para o apoio aéreo aproximado (5 aviões em total contra 4 britânicos), o que fez a diferença foi a capacidade britânica de controlar e guiar os fogos aéreos desde a terra. De fato, os argentinos careciam totalmente de controladores de fogo aéreo e, portanto, a possibilidade dos pilotos de atingir os alvos terrestres era muito menor.

---

15 RUIZ MORENO, 2011.

16 HASTINGS e JENKINS, 1984.

17 THOMPSON, 1987.

### **Conclusões parciais:**

- O volume e a precisão dos fogos indiretos aplicados pelos britânicos conseguiu obter um efeito paralisante nos defensores, dificultando grandemente as reações ofensivas do defensor e desgastando física e moralmente as tropas argentinas. Para isso o apoio de uma fragata acrescentou muito poder de fogo, ainda que só durante a noite.
- O emprego de canhões de 35mm para tiro direto sobre alvos terrestres multiplicou a capacidade de resistência dos defensores, demorando muito a progressão britânica.
- O emprego de lança-rojões, caçadores e, principalmente, dos mísseis anti-carro MILAN foi fundamental para os atacantes conquistar as posições argentinas mais fortes.
- O apoio de fogo aéreo foi equilibrado quanto ao volume mas foi mais acurado o britânico devido ao emprego de controladores de fogo desde terra.

### **Função de Combate: PROTEÇÃO**

Função de Combate PROTEÇÃO								
Fatores a serem comparados		FORÇAS ARGENTINAS			FORÇAS BRITÂNICAS			Superioridade
		Detalhe	Quantidade	Comparação	Quantidade	Detalhe		
Defesa Anti-Aérea	Can 20 mm	GAAe 601	6 Can	3	1	2 Can	Na Fragata Arrow	Argentina
	Can 35 mm		2 Can	2	0	---	---	Argentina
	Msl Aae	---	---	0	16	16 Msl	4 Msl Seacat na Fragata Arrow + 12 Blowpipe	Britânica
Fortificação		Pos Fortificadas ( Um mês de Prep)		Muito boa	Inexistente	Sem fortificação, só as cobertas do terreno		Argentina
Obstáculos Artificiais		Minas Antipessoal + Armadilhas	Frente e Profundidade	Muito boa	Limitada	Minas Antipessoal na frente do 1º Esc nas pausas de combate		Argentina
Contra-Medidas de GE		Sist fio no LAADA, Sist Rádio (Codificação, Potencia Min)		Má	Muito boa	Telefone satelital, Sist Rádio com encriptação e salto de frequência		Britânica
Defesa QBRN		---	---	---	---	---	---	Equilíbrio
Contra-Inteligência	Observação do Dptv	Dispersão e Camuflagem (Quase nada de abrigos), Seg limitada		Má	Boa	Dispersão e Camuflagem (Quase nada de abrigos), Seg extendida		Britânica
	Controle da população civil	114 Civis hostis no centro do Dpvt (Houve fugidos e informantes)		Má	Boa	População civil amistosa. Pelo menos 1 civil transmitiu Info do Dptv Argentino (forças e obstáculos)		Britânica
	Controle da imprensa	Mídia argentina não revelou Info sigilosa		Boa	Má	A BBC delatou a iminência do Atq britânico		Argentina

FIGURA Nr 7: **Comparação do Poder de Combate: Função de Combate Proteção**

Fonte: O autor.

A defesa anti-aérea argentina mostrou uma ligeira superioridade sobre a britânica. Apesar de não possuir misseis anti-aéreos (os britânicos tinham Blowpipe) a defesa argentina contava com 2 canhões Oerlikon de 35mm e 6 canhões Rheinmetall de 20mm com sistema automático de tiro. Isto dificultou os ataques aéreos britânicos e foi suficiente para dissuadir aos britânicos de empregar seus helicópteros para o

ataque a tropas terrestres, mas não conseguiu impedir as incursões aéreas dos aviões Harrier.

A proteção brindada pela fortificação do terreno foi logicamente muito superior para as forças argentinas que se encontravam preparando a defesa há quase um mês enquanto as britânicas só tentaram aproveitar as escassas cobertas do terreno, sem uma prévia preparação. É necessário fazer duas esclarecimentos: Por um lado o grau de fortificação das posições não era proporcional ao tempo empregado para isso devido ao fato de que a força-tarefa não contava com seu material de sapa porque tinha ficado no continente, a causa do bloqueio aeronaval britânico. Só puderam utilizar 3 pás confiscadas aos civis e alguns elementos individuais (tais como capacete, elementos de rancho, etc...). Por outro lado nem todas as tropas argentinas ocupavam posições preparadas e/ou fortificadas. Os PAC ao norte do istmo tinham recebido a ordem de abandonar suas posições iniciais, já fortificadas, e amplificar o dispositivo três dias antes do ataque britânico. Desta forma, quando se iniciou o ataque, os PAC encontravam-se ocupando posições mais fracas que as iniciais.

Os obstáculos artificiais de proteção foram utilizados por ambas as forças. Os argentinos tinham preparado faixas de armadilhas explosivas utilizando bombas de avião e Trotyl cobrindo grande parte do perímetro defensivo. Os britânicos, por sua parte, após cada ataque rechaçado pelo defensor, faziam um semeado dinâmico com minas anti-pessoal, para prevenir contra-ataques. Contudo, como será explicado mais à frente, os britânicos conheciam com antecedência os caminhos seguros entre os obstáculos, relativizando o valor defensivo dos obstáculos. Quanto à proteção das emissões eletromagnéticas cabe ressaltar que o 12° BI argentino utilizou para sua comunicação equipes de rádio civis confiscados aos “Kelpers”, sem nenhum sistema de encriptação ou salto de frequência enquanto os atacantes utilizaram exclusivamente rádios de uso militar. Já no referido à contra-inteligência existem dois aspectos interessantes: Os britânicos sofreram uma importante fuga de informação de valor tático ao ter chegado à emissora de rádio e televisão BBC a informação da iminência do ataque, quem informou abertamente ao mundo da situação. Desta forma a defesa argentina encontrava-se no máximo grau de alerta, perdendo a surpresa os atacantes.<sup>18</sup>. O governo argentino tinha mantido um maior controle da imprensa, mas as forças defensoras em Pradera de Ganso tiveram um controle deficiente da

18 THOMPSON, 1987

mo. Assim, apesar do estrito controle dos 114 civis os dois civis conseguiram transmitir informação aos britânicos sobre as forças argentinas e o sistema defensivo<sup>19</sup>.

### Conclusões Parciais:

- A defesa anti-aérea argentina foi ligeiramente superior à britânica mas nenhuma das forças conseguiu impedir os ataques dos aviões inimigos.
- Grande parte das posições defensivas argentinas tinham a vantagem da fortificação do terreno, embora esta tivesse sérias limitações.
- Os obstáculos artificiais instalados por ambas as forças tiveram somente o efeito moral do temor, mais não um efeito físico já que não produziram baixas.
- Ambas as forças sofreram graves falhas na contra-inteligência com importantes efeitos no ataque (perda da surpresa) e na defesa (redução do efeito dos obstáculos).

### Função de Combate: INTELIGÊNCIA

Função de Combate INTELIGÊNCIA								
Fatores a serem comparados		FORÇAS ARGENTINAS			FORÇAS BRITÂNICAS			Superioridade
		Detalhe	Quantidade	Comparação	Quantidade	Detalhe		
Fontes Humânas	Elm Exp e Rec	Pel Exp/12º BI	1 Pel (-)	1	2	1 Cia (-)	Cia "C" (Pa e Rec)	Britânica
	Elm FFEE	---	---	0	1	1 Escq (-)	Esqd "D"/ 22º R "SAS"	Britânica
	Pessoal próprio recuperado	---	---	0	1	1 Of	Ten Thurman, 2º Cmt da Gu em Porto Argentino	Britânica
	Prisioneiros de Guerra	---	---	0	6	6 prisioneiros	Integrantes do Pel Exp/12º BI	Britânica
	Pessoal civil	Nenhum dos 114 civis vigiados ministrou Info sobre as forças britânicas		0	2	2 Civ	O Sr Hardcastle, fugado de Goose Green e outro civil, transmitiram Info às forças britânicas	Britânica
Imagens	Sem fotografias disponíveis			0	0	Sem fotografias disponíveis		Equilíbrio
Geográfica	Conhecimento detalhado do terreno pelas tropas			Muito bom	Bom	Conhecimento parcial do terreno pelas tropas, complementado com a Info do Pessoal próprio recuperado		Argentina
Assinatura de Alvos	1 Radar Skyguard de Assinatura de Alvos			1	3	02 Radares Tipo 912 para Controle de Fogo Naval (Fragata "Arrow")		Equilíbrio
Fontes Abertas	Boa quanto ao terreno, má quanto ao Inimigo			Regular	Regular	Boa quanto ao terreno, má quanto ao Inimigo		Equilíbrio
Sinais (Com e não-Com)	---			0	2	2 Satélites norteamericano	A Info coletada foi muito limitada	Equilíbrio
Cibernética	---			---	---	---		Equilíbrio
Sanitária	---			---	---	---		Equilíbrio
Conhc das Linhas de Ação do Ini	Quase inexistente, nem o valor nem a Dire do Atq Ini			Muito Má	Muito bom	Conhecimento detalhado do sistema defensivo argentino (incluindo campos		Britânica

FIGURA Nr 8: *Comparação do Poder de Combate: Função de Combate Inteligência*

Fonte: O autor.

19 PIAGGI, 1986.

na função de combate inteligência se evidenciou um dos maiores desequilíbrios. Pela parte argentina poderia se dizer que a seu maior conhecimento foi sobre o terreno e as condições meteorológicas que experimentavam suas tropas. Quanto ao conhecimento

das forças inimigas só contavam com 3 fontes de obtenção de informação: os aviões que atacavam desde o continente, o pelotão reconhecimento e o radar de aquisição de alvos Skyguard dos Can AAe 20mm. Os britânicos, por sua parte, contavam com numerosas fontes de obtenção de informação: uma companhia de reconhecimento, aviões, e dois radares de aquisição de alvos na fragata “HMS Arrow”. Mas as fontes mais importantes para os britânicos foram 4 tipos de fontes humanas: um esquadrão de tropas de operações especiais (Esqd D do SAS) que executou reconhecimento em força uma semana antes do ataque; o senhor Hardcastle, pessoa mais importante em Darwin, quem ministrou abundante informação sobre o dispositivo argentino e os campos minados; o Ten Thurman, oficial não capturado pelos argentinos que servia em porto Argentino antes da guerra e conhecia perfeitamente a zona de Darwin; e finalmente os primeiros prisioneiros tomados pelos britânicos quando capturaram parte do Pel Rec da FT argentina.

Além disso, a modo de resumo das capacidades de inteligência reais das forças enfrentadas, basta mencionar o seguinte: As tropas argentinas não só não conheciam a magnitude do inimigo prévio ao ataque senão que também não conheciam nem a direção de ataque de eles. Foi por causa disso que a defesa, ao invés de estar orientada para o norte, foi preparada aos 360°<sup>20</sup>. Isso produziu uma excessiva dispersão dos meios com a conseqüente perda do apoio mútuo e um aumento das vulnerabilidades da defesa. Os britânicos, pelo contrário, conheciam com um alto grau de detalhe a composição e dispositivo das forças defensoras. Contudo, a inteligência britânica desconhecia dois fatores importantes: as reais capacidades de reforço helitransportado argentino e o estado moral da tropa. Eles achavam que as tropas iam se render após uma resistência simbólica a causa do baixo estado da moral.

### **Conclusões Parciais:**

- O desconhecimento por parte da força argentina das forças inimigas e, principalmente, de suas linhas de ação impediu a adequada orientação do esforço defensivo e provocou um enfraquecimento do valor defensivo da posição.

---

<sup>20</sup> PIAGGI, 1986. Por parte da força britânica da organização, dispositivo, das forças argentinas permitiu-lhes uma adequada a exploração das fraquezas da defesa.

### **Função de Combate: COMANDO E CONTROLE**

Função de Combate COMANDO E CONTROLE							
Fatores a serem comparados		FORÇAS ARGENTINAS		FORÇAS BRITÂNICAS		Superioridade	
		Detalhe	Comparação				
Comando	Unidade de comando	Cmt da FT não comandava ao pessoal da FAA (comandada pelo TC Pedrozo) Cmt da 3a Bda Inf interferia no comando do Cmt da FT	NÃO	SIM	Só comandava o Cmt do 2º BIP	Britânica	
	Preparação dos Cmt Subd	O 24% dos Of (8/33) eran Cadetes de 4º da academia militar, a dos outros era muito boa.	Regular	Muito boa	Muito boa, incluindo alguns oficiais já com experiencia em combate	Britânica	
	Integração Cmt/Tropa	Alguns oficiais conheceram a sua tropa nos dias previos a batalha (pertenciam a outras OM). O Cmt da FT assumiu o Cmd 3 meses antes.	Regular	Boa	Cmt de Pel e Cia orgânicos	Britânica	
Controle	Obs do Campo de Batalha	Diurna	Boa, só limitada pelas Condições Meteorológicas	Boa	Boa	Boa, só limitada pelas Condições Meteorológicas	Equilíbrio
		Noturna	Só mediante projéteis iluminantes, sem AVN	Muito limitada	Boa	Com AVN para os Cmt e alguns Cçd e Mtr	Britânica
Comunicações	Meios Empregados	Sist fio (só no LAADA), Sist Rádio (Só 3 Eq Thompson e 1 Eq) e mensageiros	Muito limitada	Muito boa	Eq Rádio UK/PRC (VHF e HF) com laringofone	Britânica	
	Esc com Eq Com	Só o Cmt FT, 2 Cia Fuz e o Pel Exp	Muito limitada	Muito boa	Até nível Pel, inclusive	Britânica	
	Eficiência das Com	Cmt FT quase incomunicado com o 1º Esc	Muito limitada	Muito boa	Rápida e extensa	Britânica	

FIGURA Nr 9: **Comparação do Poder de Combate: Função de Combate Comando e Controle**

Fonte: O autor.

As capacidades de comando e controle de ambas as forças são reflexo mais uma vez de uma situação de desequilíbrio. A capacidade de comando do comandante da FT argentina e dos comandantes subordinados estava fortemente diminuída pelos seguintes motivos: Primeiramente não existia unidade de comando, já que dentro do dispositivo argentino coexistiam duas forças com diferente subordinação: a FT Mercedes sob o comando do TC PIAGGI e o pessoal da Força Aérea (202 homens) sob o comando do vice-comodoro PEDROZO, mais antigo do que PIAGGI e não subordinado à FT Mercedes, nem sob controle operacional <sup>21</sup>. De fato, no meio do combate, o pessoal da força aérea retraiu abandonando suas posições sem a

<sup>21</sup> RUIZ MORENO, 2011.

aumentando as vulnerabilidades já existentes no recia a capacidade de comando foi a preparação incompleta de quase o 25% dos comandantes de pelotão argentinos. Eles eram cadetes de 4º ano da Academia quando começou a guerra e foram rapidamente promovidos à hierarquia de Aspirante a Oficial (“Subteniente”). Finalmente outro fator negativo foi e fraca integração e conhecimento entre muitos oficiais e a tropa. De fato,

muitos oficiais argentinos (o comandante de FT incluído) tinham recebido o comando de sua fração/organização há três meses. Outros nem pertenciam a OM e conheceram seus homens só no campo de combate.

O controle estava igualmente afetado pela dispersão das tropas, a falta de meios de visão noturna e ao fraco sistema de comunicação. Efetivamente, o comandante não conseguia ter observação direta mais que durante o dia e só de alguns núcleos da ruptura. O controle era ainda mais difícil a causa da grande escassez de equipes de rádio. Só existia uma rádio HF para a comunicação com o escalão superior com alcance até Porto Argentino e só três rádios VHF para a comunicação com os elementos subordinados. Algumas posições defensivas estavam comunicadas com sistema fio, mas isso foi limitado às posições mais próximas ao PCP. A excessiva dispersão das tropas dificultava a influência do comandante pela presença<sup>22</sup>.

Na parte britânica, pelo contrário, existia a unidade de comando, a integração e conhecimento entre os comandantes e a tropas era muito boa, ao igual que a preparação dos comandantes de pelotão. A capacidade de controle estava favorecida por um eficiente sistema de comunicações radioelétricas, (com rádios até nível pelotão inclusive) e um adequado nível de visão noturna.

### **Conclusões Parciais:**

- A falta de unidade de comando, de comunicações eficientes dentro da FT argentina junto às limitações na observação diurna e noturna do campo de batalha e na integração das frações limitou grandemente a consciência situacional do Cmt FT e dificultaram gravemente sua capacidade para o comando e controle.
- O sistema de comunicações britânico foi muito eficiente o que somado a uma adequada capacidade de visão noturna, à boa integração das frações e a unidade de comando facilitaram a formação da consciência situacional do comandante e o comando e controle das frações.

---

<sup>22</sup> PIAGGI, 1986.

Função de Combate LOGÍSTICA								
Fatores a serem comparados		FORÇAS ARGENTINAS		FORÇAS BRITÂNICAS		Superioridade		
		Detalhe	Comparação		Detalhe			
Pessoal	Gerenciamento Ef Prontos	Errado (202 da FAA não aptos para o Cmb Terr)	Errado	Correto	Todo o pessoal estava capacitado para cumprir sua missão específica	Britânica		
	Preparação do Pessoal	Of e Sgt: Boa/Muito boa (profissional); Sd: 90% Má / 10% muito boa.	Regular	Muito Boa	Of, Sgt e Sd: Muito boa	Britânica		
	Recompletamento	De Organizações, tardiamente	Tarde	Tarde	De Organizações, Reforço após o vitoria. Não foi preciso.	Equilíbrio		
	Bem-Estar (Mnt Moral)	90% Má / 10% muito boa	Má	Boa	Boa, só afetada pela dificuldade do terreno e clima	Britânica		
	Serviço de Campanha	90% Má / 10% muito boa	Má	Boa	Boa até uma semana antes da batalha, depois: regular	Britânica		
	Assistência Religiosa	Muito boa: 2 capelães	Muito boa	---	---	Argentina		
Material	Inst Log do Esc Sp	BLB a 80 km	Longe	Perto	BLB a 19 km	Britânica		
	Suprimento	Muito mau (Trem único muito reduzido) Meia ração por dia. Houve casos de desnutrição nos PAC e Elm Seg	Muito mau	Muito bom	Permanente Sup helitransportado. Limitações não críticas	Britânica		
	Manutenção	Só do 1º Esc (Usuário) com limitações (BLB a 80 km)	Má	Regular	Mnt até 2º Esc (BLB a 20 km)	Britânica		
	Trnsp	Terrestre	4 Jeep (Mobilidade limitada pelo terreno)	4	2	2 BV 202 (Superava as limitações do terreno)	Britânica	
			Aéreo	2 Chinook (Trnsp Pes: até 55 pessoas ou 10.000 Kg) 4 UH-1H (Trnsp Med: até 10 pessoas 1.700 Kg)	1	3,5	1 CH-47 Chinook (Trnsp Pes: até 55 pessoas ou 10.000 Kg) 5 Wessex (Trnsp Pes: até 18 pessoas ou 2.400 Kg) 11 Sea King (Trnsp Pes: até 18 pessoas ou 4.700 Kg) 2 Scout (Trnsp Liv: até 5 pessoas ou 1.000 Kg) 2 Gazelle (Trnsp Liv: até 3 pessoas ou 900 Kg)	Britânica
		Cpcd Trnsp Tropas		Até 150 pessoas	1	2,39	Até 359 pessoas	Britânica
		Cpcd Trnsp Sup		Até 26.800 Kg	1	2,89	77.500 Kg	Britânica
		Cpcd de Voo		Não	0	4	Só 4 Sea King	Britânica
		Marítimo	---	0	1	Fragata Tipo 42 "Arrow" (Só durante a noite, não utilizada)	Britânica	
	Engenharia	1 Gp Eng (11)	1	4	2 Pel Eng (44 homens)	Britânica		
Saúde	Evacuação	Terrestre	PS em Goose Green (300/2.000 m)	Mais	Mais	PS em Camilla Creek (5 Km)	Argentina	
		Aérea	Inicialmente houve Evac. A partir do 28 1200 May. Não foi possível Os feridos foram atendidos no Hosp Cmp britânico	Muito limitada	Muito rápida	Até 21 Helic para Aeroevacuação (dia ou noite)	Britânica	
	Atendimento	Em Posto de Socorro	PS em Goose Green (300/2.000 m)	Limitado	Limitado	PS em Camilla Creek (5 Km)	Equilíbrio	
	Em Hosp Campanha	e Hosp Cmp em Porto Argentino (80 Km)	Muito bom	Muito bom	e Hosp Cmp em Bahia Ajax (20 Km)	Equilíbrio		

FIGURA Nr 10: **Comparação do Poder de Combate: Função de Combate Logística**

Fonte: O autor.

Dois fatores foram determinantes do nível de apoio logístico que receberam as forças. Primeiramente o estado logístico de pessoal e material que tinham as unidades no começo, antes da batalha. E em segundo lugar foi a capacidade do escalão superior de apoiá-las logisticamente durante a batalha.

O estado de pessoal e material das tropas britânicas antes da batalha era em geral muito bom. É interessante destacar que as tropas enviadas tinham recebido, já desde a partida de Europa, todo tipo de apoios necessários haja vista a quase impossibilidade de prestar um apoio logístico continuado uma vez as tropas e a frota de mar estiverem próximos as Ilhas Malvinas. Partiram então com um nível de suprimento

e manutenção excelente. Porém, entre os dias 21 e 25 de maio, a Força Aérea Argentina atacou os buques ali presentes causando-lhes muito dano e afundando o principal buque de transporte logístico: o *HMS Atlantic Conveyor*. A perda que mais sentiram as forças britânicas foi a de 3 helicópteros de transporte pesado CH-47 Chinook embarcados nesse buque logístico. Apesar dessas perdas a logística das tropas não foi tão gravemente afetada <sup>23</sup>.

O apoio logístico durante a batalha manteve a continuidade apesar das dificuldades. Os trens logísticos britânicos estavam organizados da seguinte maneira: A AT Cmb estava desdobrada a menos de 4 km dos elementos do 1° escalão e a ATE estava desdobrada junto com a BLB em Baia Ajax, a 19 km da AT Cmb. Como o terreno impedia o transporte logístico terrestre, não existiu uma EPS e/ou uma E Sup Ev. O suprimento e evacuação se realizavam em linha reta desde a BLB até a AT Cmb por modo aéreo com os 21 helicópteros em apoio. Desses helicópteros 4 (Sea King) estavam equipados para vôo noturno, mantendo o fluxo logístico mesmo durante a noite. A continuidade no suprimento foi especialmente importante porque conseguiu manter o remuniciamento ao nível que o alto consumo do ataque exigia, especialmente das 56 metralhadoras MAG.

Pela parte argentina, antes da batalha, o estado logístico geral do pessoal era regular e o de material era muito mau. Isto era consequência de dois fatos. Primeiramente é preciso lembrar que o bloqueio aeronaval imposto pelos britânicos impediu aos argentinos o transporte de quase a totalidade do material pesado (logístico e armamento) que ficou no continente. Por outra parte, a FT se encontrava totalmente isolada, ocupando uma posição defensiva aos 360°, afastada de toda tropa ou meio logístico argentino. Os escassos meios logísticos argentinos estavam reunidos numa ATU na localidade de Pradera de Ganso, no centro do dispositivo defensivo. A falta de material e instalações era tal, que os trens logísticos da força-tarefa MERCEDES apenas mereciam esse nome. Por exemplo, contavam com somente uma cozinha de campanha para os quase mil homens <sup>24</sup>.

Só para ilustrar a grave situação logística baste mencionar dois fatos: nos dias prévios à batalha a alimentação das tropas tinha sido reduzida a uma ração por dia produzindo casos de desnutrição entre os homens desdobrados nos PAC. A

23 THOMPSON, 1987.

24 PIAGGI, 1986.

falência argentina. Tanto assim que os feridos  
s pelos britânicos que tinham maior capacidade

de evacuação aérea e o hospital de campanha mais perto.

Uma vez iniciada a batalha, o apoio logístico argentino foi ainda mais limitado. A BLB, que contava com todos os meios para manter logisticamente à FT, se encontrava a 80 km por ar. Como o transporte terrestre era impossível, e os escassos helicópteros argentinos eram altamente vulneráveis aos ataques britânicos durante o dia e não tinham meios de visão noturna para voar durante a noite, a BLB só conseguiu fazer chegar alguns reforços e evacuar feridos em duas oportunidades. A FT dependia então das escassas capacidades logísticas que tinha a FT em Pradera de Ganso.

Mas nem tudo favoreceu à logística britânica. Assim, o serviço de assistência religiosa argentino era muito bom contribuindo a manter alta a moral das tropas. Os britânicos careciam do apoio espiritual de sacerdotes. A evacuação terrestre dos feridos era mais rápida para os argentinos devido a que o posto socorro estava mais perto da primeira linha que o posto socorro britânico.

Quanto ao reabastecimento dos efetivos a situação era equilibrada: as forças argentinas tinham maior quantidade de tropas para reabastecimento enquanto que as britânicas tinham-nas mais próximas. Contudo, os reforços recebidos por ambas as forças não chegaram em oportunidade de influir na no resultado da batalha <sup>25</sup>.

### **Conclusões Parciais:**

- O estado geral do suprimento e manutenção das forças britânicas permitiu que as tropas estivessem num ótimo estado psicofísico no momento do combate.
- O alto estado de manutenção da moral das tropas britânicas permitiu-lhes manter a impulsão do ataque durante dois dias.
- As grande disponibilidade de helicópteros e a vizinhança da BLB permitiu às forças britânicas manter o fluxo logístico contínuo, principalmente quanto a suprimento de munição e evacuação de feridos, tanto durante o dia quanto durante a noite.
- O estado geral de suprimento das tropas argentinas afetou fisicamente às tropas desgastando-as mais do normal já antes do combate.

---

<sup>25</sup> ADKIN, 2007.

das tropas argentinas permitiu-lhes resistir os condições de marcada inferioridade e, inclusive, executar contra-ataques.

- A escassez de helicópteros e o afastamento da BLB quase impediu o fluxo logístico entre a BLB e os trens da FT argentina, deixando-a numa situação de isolamento quase total.

## **Os Fatores Morais**

FATORES MORAIS						
Fatores a serem comparados		FORÇAS ARGENTINAS		FORÇAS BRITÂNICAS		Superioridade
		Descrição	Comparação	Descrição		
Comandante	Capacidade do Cmt	TC Ítalo PIAGGI Discutida (Foi acusado de não saber empregar todos os meios a disposição)	Discutida	Discutida	TC Herbert JONES Discutida (Foi acusado de ser incompetente na transmissão das ordens de combate e na condução das tropas)	Equilíbrio
				Muito boa	Maio Christopher KEEBLE Muito boa (Desde que assumiu o Cmd do Btl, conseguiu fazer progredir o Atq, que se encontra detido, até a Conq do Obj final)	Britânica
	Integração Cmt/Tropa			Assumiu o Cmd do Btl 3 meses antes	Escassa	Forte
	Experiência em Combate	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Equilíbrio
Comandantes subordinados	Capacidade dos Cmt Subd	25 % incompleta (Cadetes da Academia) 75% muito boa	Boa	Muito boa	100 % Muito boa	Britânica
	Integração Cmt/Tropa	35 % escassa, 65 % forte	Regular	Forte	Todos os oficiais orgânicos	Britânica
	Experiência em Combate	Nenhuma	Nenhuma	Alguns	Alguns Cmt Pel e Cia tinham experiência	Britânica
Tropa	Nível de treinamento das tropas	Muito baixo (só 45 dias de instrução)	Má	Bom	Entre 2 e 6 anos de instrução	Britânica
	Valor Moral da tropa	Tropas muito motivadas com valores patrióticos e religiosos	Alto	Alto	Tropas muito motivadas e valerosas	Equilíbrio
	Experiência em Combate	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Equilíbrio

FIGURA Nr 11: **Comparação do Poder de Combate: Fatores Morais**

Fonte: O autor.

Por serem os fatores morais de difícil mensuração, os resultados acima mostrados têm um valor somente indicativo. Porém, consideramos esses resultados suficientes para assinalar qual força estava numa situação de superioridade ou apresentava uma vantagem considerável.

No que se refere aos comandantes das forças, destaca-se pelo menos três situações nas que se evidencia uma superioridade britânica: A maioria dos Cmt

britânicos tinham uma maior integração e conhecimento de seus subordinados, alguns deles tinham experiência em combate e, ainda, a formação profissional dos oficiais britânicos era, em geral, mais completa que a dos oficiais argentinos (considerando que 8 dos oficiais argentinos eram cadetes de 4º ano da academia militar quando foram enviados para as Malvinas) <sup>26</sup>.

A situação das tropas era em geral bastante equilibrada quando ao valor demonstrado e a experiência em combate. Porém, houve um fator onde a superioridade dos soldados britânicos é indiscutível: seus soldados cumpriam com o serviço militar voluntário, eram, portanto, profissionais com muitos anos de experiência em alguns casos (desde 2 até 8 anos de experiência). Os soldados argentinos cumpriam com o serviço militar obrigatório e, sendo da classe do 1964, tinham somente 2 meses e meio de instrução militar <sup>27</sup>.

#### **Conclusões Parciais:**

- O valor demonstrado por ambas as forças foi muito alto e reflexo duma alta motivação das tropas por parte dos seus comandantes.
- A capacitação profissional das forças britânicas era superior às argentinas. Levemente superior quanto aos oficiais, mas muito superior quanto aos soldados.

---

<sup>26</sup> FITZ-GIBBON, 2001.

<sup>27</sup> PIAGGI, 1986.

### **3.2.2 A influência do Ambiente Operacional: O Terreno**

TERRENO				
Fatores a serem comparados	FORÇAS ARGENTINAS	Descrição	FORÇAS BRITÂNICAS	Superioridade
	Situação		Situação	
Obs e Campo de Tiro	Muito boa para os Nu Ctt que ocupam a colina Darwin e sua encosta NO; e boa para alguns Elm Ap F e C <sup>2</sup> que ocupam as elevações de Pradera de Ganso	Muito boa, especialmente nas poucas elevações	Muito boa para a os Elm de Atq pelo Fogo na Rg Altu NO Camila Creek e para o PO do SAS frente a Darwin. Regular para os Elm de manobra .	Argentina
Cobertas e Abrigos	Muito boa para os Nu Ctt que ocupam Pos Fort quase inexistente para os PAC	Quase inexistente, terreno plano e sem vegetação	Quase inexistente.	Argentina
Obstáculos	Só afetam ao retraimento das Nu Def, dos PAC e a execução dos contra-ataques	Numerosos córregos de pouca profundidade, transversais ao istmo	Afetam sobretudo aos Elm de manobra	Argentina
Acidentes Capitais	Tem Pos Fort na colina Darwin, o principal Acdt Cptl com dominância em toda a largura do istmo	1. Colina "Darwin" 2. Rg Altu NO de Baía "Camila Creek" 3. Colina "Alta"	Ocuparam a Rg Altu NO Camila Creek com uma Base de Fogo de Direto	Argentina
Espaço de Manobra	2.300 mts, constante até o LAADA.	Limitado pela largura do istmo: 2.200/1.300 mts	Entre 2.300 e 1.200 mts. 1.200 mts de Espaço de Manobra nas proximidades dos Nu Ctt argentino	Argentina
Facilidade de Movimento	Terreno mais reconhecido, com melhor conhecimento dos locais com mais facilidade de movimento	Solo muito mole e elástico, restritivo para tropas a pé e impeditivo para viaturas (salvo BV 202 britânicos)	Sem um reconhecimento detalhado do terreno.	Argentina
Rede Viária	2 caminhos sob controle argentina	Dois caminhos de terra convergem em Pradera de Ganso desde o sul. Um continua para o norte, atravessando o istmo todo.	1 caminho (N-S) sob controle britânico	Argentina

FIGURA Nr 12: **Comparação da Influência do Terreno**

Fonte: O autor.

Como é o defensor quem escolhe o terreno a ser defendido, a batalha de Pradera de Ganso não fugiu da regra e o terreno favoreceu majoritariamente às forças argentinas. O conhecimento prévio do terreno somado à fortificação do mesmo fez que as tropas argentinas tirassem grande vantagem em muitos casos. Apesar de o terreno ser praticamente plano, o controle das escassas elevações que dominam os acessos ao istmo proporcionou-lhes uma importante vantagem. Essas pequenas alturas permitiam uma boa observação e campos de tiro contra as forças que atacavam por um terreno plano e sem cobertas e abrigos<sup>28</sup>. O principal acidente capital que favoreceu aos argentinos foram a linha de alturas da linha Darwin-Boca House (onde estavam apoiados os núcleos defensivos do contato). Pela parte britânica a principal o principal acidente capital foi a colina NO de Camila Creek (onde estavam posicionadas as principais armas de apoio de fogo). É importante remarcar que as vantagens que o terreno dava ao defensor eram principalmente durante o dia e só nos momentos sem chuvas ou nevoeiros, que não eram muitos. Durante a noite a vantagem era para os britânicos e durante as horas de nevoeiro a situação era equilibrada.

<sup>28</sup> BOLIA, 2005.

- Durante o dia o terreno favoreceu principalmente aos argentinos que o defendiam. Senão tiraram maior vantagem dele foi por uma excessiva dispersão do dispositivo.
- Durante a noite e os períodos de visibilidade reduzida o valor defensivo do terreno era relativo e os britânicos tiravam vantagem de seus meios de visão noturna.

### **A influência do Ambiente Operacional: As Condições Meteorológicas**

CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS				
Fatores a serem comparados	FORÇAS ARGENTINAS	Descrição	FORÇAS BRITÂNICAS	Superioridade
	Situação		Situação	
Transitabilidade	Terreno mais reconhecido, com melhor conhecimento dos locais com melhor transitabilidade	As frequentes chuvas mantêm o solo úmido e esponjoso, dificultando a trafegabilidade	Sem um reconhecimento detalhado do terreno.	Argentina
Visibilidade	Sem meios de visão térmica o noturna	8 hs de luz (0845/1645), nevoeiros e chuvas frequentes. Horas de boa visibilidade: menos de 5 hs.	Sem meios de visão térmica, mas com meios de visão noturna até nível Pel	Britânica
Efeitos sobre o Pessoal	1 mês de exposição à intempérie	Grande desgaste físico pelo frio e a umidade. O pior efeito: Os soldados estavam sempre com o uniforme molhado. A má visibilidade dificulta a precisão do atirador.	1 semana de exposição à intempérie	Britânica
Efeitos sobre o Material	---	As frequentes chuvas e nevoeiros limitam a utilização dos meios aéreos.	---	Equilíbrio

FIGURA Nr 13: ***Comparação da Influência das Condições Meteorológicas***

Fonte: O autor.

As condições meteorológicas afetaram tanto às tropas quanto ao material e armamento. Porém, os efeitos não foram sempre os mesmos para ambas as forças. A natureza do solo a causa das frequentes chuvas restringia a velocidade de deslocamento das tropas. Mas as tropas argentinas tinham reconhecido os locais de mais fácil transitabilidade o que era uma vantagem frente aos britânicos cujo conhecimento do terreno era muito menor. Como se percebe no quadro acima a visibilidade era em geral muito reduzida durante o dia para ambas as forças. Já durante a noite a vantagem era para os atacantes que possuíam OVN até nível comandante de pelotão. Um último aspeto onde se evidenciou uma situação desfavorável para os argentinos foi que estes tinham passado um mês expostos às inclemências do clima, principalmente do frio, a chuva e a umidade, enquanto as tropas britânicas estiveram abrigadas nos buques até 1 semana antes da batalha<sup>29</sup>. O desgaste das condições meteorológicas foi então maior nas tropas argentinas.

<sup>29</sup> TÚROLO, 1983.

### Conclusões Parciais:

- A má transitabilidade do solo afetou mais às forças britânicas do que às argentinas.
- A visibilidade noturna e os efeitos das condições meteorológicas sobre o pessoal foram piores para os argentinos.

### A influência do Ambiente Operacional: As Considerações Civas

CONSIDERAÇÕES CIVIS				
Fatores a serem comparados	FORÇAS ARGENTINAS	Descrição	FORÇAS BRITÂNICAS	Superioridade
	Situação		Situação	
Área	As duas sob controle argentino.	Duas localidades no istmo: Pradera de Ganso e Darwin. Sem valor econômico, ou	Sem controle das localidades	Argentina
Estruturas	A pista de pouso não foi utilizada, pela vulnerabilidade as armas AAe do Ini, embora estava ECD ser utilizada	Pista de pouso, escola, serviços básicos (Água, Luz)	Sem controle das estruturas civis	Argentina
Capacidades	Utilizadas para aumentar o bem-estar da tropa	Serviços básicos: água, luz, gas. Eq rádio, pequenas quantidades de gasolina.	Sem possibilidade de fazer uso das capacidades das localidades	Argentina
Organizações	Propriedade e material utilizada pelas tropas argentinas	Em Darwin ficava a residência do Administrador da "FIC" (Falklands Islands Company), de propriedade do governo britânico	Com contato radial com o administrador da FIC, Sr Hardcastle, quem ministrou informação detalhada dos campos minados e das tropas argentinas	Britânica
População	A população foi submissa às ordens das tropas argentinas e foi muito respeitada por estas. Houve civis que filtraram Info às tropas inglesas	114 "Kelpers" (População introduzida pelo Reino Unido e favorável ao mesmo, apesar de não serem considerados cidadãos)	Favorável aos britânicos. Pelo menos duas pessoas estabeleceram Ctt por rádio com as tropas britânicas	Britânica
Refugiados/ Deslocados	A impossibilidade de evacuar a população durante a batalha operou como fator de pressão na mente do Cmt argentino	Os 114 civis foram deslocados e reunidos no salão comunitário, sob controle das forças argentinas	Foi planejado o bombardeio da população civil para pressionar o Cmt a aceitar a rendição	Britânica
Eventos	---	---	---	---

FIGURA Nr 14: **Comparação da Influência das Considerações Civas**

Fonte: O autor.

A existência de duas localidades dentro da área da batalha foi um fator determinante que influenciou às duas forças de diferente maneira. A posse pelas tropas argentinas das duas localidades junto ao controle das estruturas e suas capacidades e serviços básicos possibilitou-lhes melhorar um pouco as condições de vida das tropas. A pista de pouso dentro do istmo não foi utilizada durante a batalha devido à vulnerabilidade aos ataques aéreos e da artilharia. Alguns equipamentos foram confiscados aos civis como, por exemplo, algumas caminhonetes Jeep, um trator e algumas equipes de rádio<sup>30</sup>. Apesar do controle da população e do confisco de alguns bens, os kelpers foram tratados com muito respeito e consideração. A população, pelo contrário, exerceu um efeito negativo sobre a condução das operações argentinas. Se

30 PIAGGI, 1986.

área não ofereceram nenhum tipo de resistência para os britânicos. Por isso, em repetidas

oportunidades as tropas argentinas surpreendiam aos civis “Kelpers” se comunicando por rádio com as tropas britânicas transmitindo-lhes informação sobre a defesa argentina.

As tropas britânicas, entretanto, não puderam tirar proveito das facilidades, principalmente logísticas, duma localidade, mas obtiveram da população local uma excelente fonte de obtenção de informação que lhes forneceu dados tão importantes como, por exemplo, a localização e distribuição dos campos minados e armadilhados da defesa<sup>31</sup>. A presença da população civil dentro do dispositivo argentino foi utilizada pelo comandante das forças britânicas como fator de pressão moral sobre o comandante argentino. Assim, o Maior Keeble ameaçou ao TC Piaggi com aniquilar à população mediante um bombardeio massivo se as tropas argentinas não aceitavam a rendição, fazendo cair a culpa sobre o comandante argentino. (É interessante destacar que isso não era só uma ameaça, já que o Maior Keeble tinha recebido autorização para executar esse bombardeio)<sup>32</sup>.

#### **Conclusões Parciais:**

- O controle das estruturas e serviços das localidades de Darwin e Pradera de Ganso permitiu melhorar o bem-estar das tropas argentinas e compensar em parte algumas deficiências como a das comunicações.
- A população não ofereceu nenhum tipo de resistência armada frente à presença e controle das tropas argentinas.
- A população filtrou informação de valor tático aos britânicos favorecendo o planejamento e execução do ataque.

### **3.3 Identificação dos fatores que influíram no resultado da batalha**

Antes de passar às conclusões finais da pesquisa e aproximando-nos ao objetivo geral da mesma, vamos identificar aqueles fatores que efetivamente tiveram um grau de influência considerável no resultado da batalha. Foram excluídos aqueles fatores cuja análise evidenciou uma situação de equilíbrio o de superioridade tão leve que não outorgou vantagens significativas a nenhuma das forças.

31 PIAGGI, 1986.

32 THOMPSON, 1987.

**Isivo:** A excessiva dispersão do dispositivo argentino (alcançando um perímetro de até 31 km) impediu a concentração de efetivos e meios

no local decisivo e dificultou a aplicação do princípio da massa, diminuindo o valor da defesa.

**Superioridade Numérica Local:** As forças britânicas direcionaram seu ataque sobre um estreito setor do dispositivo defensivo (1,3 km) alcançando um poder relativo de combate (peças de manobra) de 5,5 para 1 no LAADA argentino. Materializou a aplicação do princípio da massa em termos de concentração de forças (peças de manobra) no ponto decisivo (colina de Darwin).

**Forte Apoio de Fogos Orgânicos:** A organização e equipamento da força atacante priorizou um grande poder de fogo de metralhadoras medianas (56 Mtr MAG 7,62mm) para apoiar a manobra dos pelotões, chegando a uma relação de poder de fogos diretos de 14 metralhadoras por cada metralhadora argentina. Materializou a aplicação do princípio da massa em termos de concentração de fogos no ponto decisivo (colina de Darwin).

**Forte Apoio de Fogos Indiretos:** O fogo dos canhões britânicos, acrescentados pelo apoio duma fragata durante a noite, conseguiu, por seu volume e precisão, efeitos não só de inquietação, mas também de neutralização e destruição.

**Utilização de canhões Antiaéreos sobre alvos terrestres:** O emprego de canhões de 35mm para tiro direto sobre alvos terrestres multiplicou a capacidade de resistência dos defensores, demorando muito a progressão britânica.

**Fogos anti-carro e emprego de caçadores:** O emprego de lança-rojões, caçadores e, principalmente, dos mísseis anti-carro MILAN foi fundamental para os atacantes conquistar as posições argentinas mais fortes.

**Controladores de Fogo Aéreo:** O apoio de fogo aéreo foi equilibrado quanto ao volume, mas foi mais acurado o britânico devido ao emprego de controladores de fogo desde terra.

**Defesa antiaérea argentina:** A defesa antiaérea argentina foi ligeiramente superior à britânica e, embora não conseguiu impedir as incursões aéreas, limitou o emprego dos aviões de ataque.

**Fortificação do Terreno:** Os trabalhos de OT das posições defensivas, mesmo se não eram os ideais, acrescentaram muito o valor defensivo das mesmas.

**Detalhada Inteligência Britânica:** O alto grau de conhecimento por parte da força britânica da organização, dispositivo, atividades e linhas de ação das forças argentinas

permitiu-lhes uma adequada preparação da força de ataque e a exploração das fraquezas da defesa.

**Fraca Inteligência Argentina:** O desconhecimento por parte da força argentina das forças inimigas e, principalmente, de suas linhas de ação impediu a adequada orientação do esforço defensivo e provocou um enfraquecimento do valor defensivo da posição.

**Falhas na Contra-inteligência:** Ambas as forças sofreram graves falhas na contra-inteligência com importantes efeitos no ataque (perda da surpresa) e na defesa (redução do efeito dos obstáculos minados).

**Fraco sistema de C<sup>3</sup> argentino:** A falta de unidade de comando, de comunicações eficientes dentro da FT argentina junto às limitações na observação diurna e noturna do campo de batalha e na integração das frações limitou grandemente a consciência situacional do Cmt FT e dificultaram gravemente sua capacidade para o C<sup>2</sup>.

**Helicópteros britânicos:** A grande disponibilidade de helicópteros e a vizinhança da BLB permitiu às forças britânicas manter o fluxo logístico contínuo, principalmente quanto a suprimento de munição e evacuação de feridos, tanto durante o dia quanto durante a noite.

**Insuficiência Logística argentina:** As baixas facilidades logísticas afetaram seriamente as capacidades da defesa argentina. A escassez de helicópteros e o afastamento da BLB quase impediu o fluxo logístico entre a BLB e os trens da FT argentina, deixando-a numa situação de isolamento quase total.

**Estado moral das tropas:** O alto estado de manutenção da moral das tropas argentinas permitiu-lhes resistir os sucessivos ataques britânicos em condições de marcada inferioridade e, inclusive, executar contra-ataques. A moral das tropas britânicas era igualmente alta, mantendo a impulsão do ataque por dois dias.

**Nível de profissionalismo:** A capacitação profissional das forças britânicas era superior às argentinas. Levemente superior quanto aos oficiais, mas muito superior quanto aos soldados.

**Controle do acidente capital:** O terreno favoreceu principalmente aos argentinos que o defendiam e controlavam os acidentes capitais com dominância às vias de acesso das forças britânicas.

**Visão Noturna:** Durante a noite os britânicos tiravam vantagem de seus meios de visão noturna diminuindo o valor defensivo das posições argentinas.

**Desgaste Psicofísico prematuro:** A longa exposição (1 mês) das tropas argentinas às inclemências do clima sem abrigos adequados afetou sua capacidade de resistência produzindo um desgaste psicofísico prematuro nas tropas.

**Controle das Localidades:** O controle das estruturas e serviços das localidades de Darwin e Pradera de Ganso permitiu melhorar o bem-estar das tropas argentinas e compensar parcialmente algumas deficiências como a das comunicações.

**População “Kelper”:** A população filtrou informação de valor tático aos britânicos favorecendo o planejamento e execução do ataque.

## 4 CONCLUSÕES

### 4.1 Hierarquização dos fatores

Sabendo que o resultado da batalha poderia ser produto da conjunção de muitos fatores e não só de um “fator decisivo”, propusemos uma “*Hierarquização dos fatores*”, tentando determinar seu grau de influência no desenvolvimento e resultado da batalha. Assim, encontramos os **Fatores de Força e Fraqueza**<sup>33</sup> que foram aqueles pontos fortes ou fracos que só facilitaram ou dificultaram a execução do ataque ou da defesa, sem a capacidade de influenciar significativamente no resultado da batalha. Com um grau de influência maior identificamos os **Fatores Determinantes**<sup>34</sup>, entendendo eles como aqueles fatores que por sua importância condicionaram significativamente a manobra tanto ofensiva como defensiva. Selecionamos também os **Fatores Decisivos**<sup>34</sup>, que foram causa direta dum evento que influenciou decisivamente no resultado final da batalha. Dentre estes fatores decisivos, identificamos aquele **Fator de Desequilíbrio** que permitiu aos britânicos romper com a situação de relativo equilíbrio em que se tinha detido a batalha e que conduziu às forças atacantes até a vitória.

#### 4.1.1 Fatores de Força e Fraqueza

Os seguintes fatores foram identificados como fatores de força e fraqueza para ambas as tropas devido às vantagens e desvantagens que outorgaram no combate.

33 EXÉRCITO BRASILEIRO, 2016.

34 EXÉRCITO ARGENTINO, 1998.

Fatores	Quem? “MERCEDES” (Argentina)	Grupo “PARA 2” (Grã Bretanha)
---------	------------------------------------	----------------------------------

De Força	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado moral das tropas</li> <li>• Controle das localidades</li> <li>• Emprego de canhões antiaéreos contra alvos terrestres</li> <li>• Eficiente defesa antiaérea</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado moral das tropas</li> <li>• Apoio da população local</li> <li>• Soldados profissionais</li> <li>• Controladores de Fogo Aéreo</li> <li>• Emprego de armas anti-carro</li> <li>• Emprego de caçadores</li> <li>• Detalhada inteligência</li> </ul>
De Fraqueza	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desgaste psicofísico prematuro</li> <li>• Soldados conscritos, não profissionais</li> <li>• Falhas na contra-inteligência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falhas na contra-inteligência</li> <li>• Carência de cobertas e abrigos</li> </ul>

FIGURA Nr 15: **Fatores de Força e Fraqueza**

Fonte: O autor.

#### 4.1.2 Fatores Determinantes

Os seguintes fatores condicionaram a manobra tanto britânica quanto argentina, afetando com maior intensidade o desenvolvimento da batalha:

Fraca Inteligência argentina: O escasso conhecimento do EM da FT “MERCEDDES” sobre as forças atacantes inimigas e, principalmente, de suas linhas de ação impediu a adequada orientação do esforço defensivo e provocou um enfraquecimento do valor defensivo da posição. A falta de informação sobre qual era a direção mais provável do ataque britânico condicionou a orientação do dispositivo numa defesa circular.

Helicópteros britânicos: A grande disponibilidade de helicópteros e a vizinhança da BLB permitiu às forças britânicas manter o fluxo logístico contínuo, principalmente quanto a suprimento de munição e evacuação de feridos, tanto durante o dia quanto durante a noite. Os contínuos voos de helicópteros materializaram a manobra logística e condicionaram a manobra tática no sentido que sem eles a impulsão do ataque se teria perdido antes da conquista do objetivo.

Insuficiência logística argentina: A escassez de helicópteros e o afastamento da BLB quase impediu o fluxo logístico entre a BLB e os trens da FT argentina, deixando-a numa situação de isolamento quase total com seus meios logísticos orgânicos muito incompletos.

Fortificação do terreno: O grau de fortificação dos núcleos de contato e ruptura argentinos condicionou a manobra de ataque britânica não só na velocidade de progressão, mas também na técnica de assalto empregada. A velocidade do ataque foi

diminuída até ser detido repetidas vezes. E a técnica do assalto teve que incluir a saturação das posições por fogos indiretos, o emprego de armas anti-carro contra as posições e o emprego de caçadores.

Controle do acidente capital: Apesar da escassa altura da colina de Darwin, a dominância que tinha sobre o acesso norte do istmo era tal que até no ser conquistada pelos britânicos o ataque não conseguiu progredir.

Visão Noturna: A carência de OVN pelas tropas argentinas condicionou a eficácia do tiro noturno e a realização de contra ataques. Por sua parte, a pose de meios de visão noturna pelos britânicos permitiu-lhes progredir com maior facilidade durante a noite.

Forte Apoio de Fogos Indiretos: Por relatórios de ex-combatentes o volume e a precisão dos fogos indiretos dos britânicos era tal que não só causou baixas, mas também restringiu a execução das tarefas logísticas e todo movimento fora das posições defensivas.

#### **4.1.3 Fatores Decisivos**

Dispersão do Dispositivo Defensivo: Consequência da falta de informação das possibilidades do inimigo, a excessiva dispersão do dispositivo impediu oferecer uma defesa mais forte e profunda na direção NE, direção do ataque britânico. Diminuiu a flexibilidade da força defensora ao deixar só uma reserva fraca, tendo poder de combate para ser forte.

Fraco sistema de C<sup>3</sup> argentino: A falta de unidade de comando, de comunicações eficientes dentro da FT argentina junto às limitações na observação diurna e noturna do campo de batalha e na integração das frações limitou grandemente a consciência situacional do Cmt FT e dificultaram gravemente sua capacidade para o C<sup>2</sup>. Esta grande vulnerabilidade impediu a transmissão oportuna das ordens, o emprego eficiente da reserva e deixou a condução das ações livrada ao critério dos comandantes de companhia e pelotão.

Aplicação do princípio da Massa: Os britânicos aplicaram o princípio da massa não somente concentrando forças num espaço e momento reduzidos, mas também concentrando fogos sobre as tropas argentinas: fogos de artilharia, de morteiros, de metralhadoras, lança-rojões e granadas de fuzil. E todo em quantidades proporcionalmente muito maiores às normais para um batalhão. O volume e precisão dos fogos contribuíram diretamente com a conquista das posições defensivas.

## 4.2 Seleção do fator de Desequilíbrio

Antes de falar do fator de desequilíbrio é interessante relembrar que quando o sol nasceu na manhã do 28 de maio, após a primeira noite de combate, o ataque britânico que vinha progredindo segundo o planejado, foi detido frente a linha de contato. Assim ficou durante 6 horas executando sucessivos ataques sem conseguir a conquista das posições. Mas foi após a morte do Cmt e a assunção do comando pelo 2º Cmt que o ataque britânico venceu a resistência argentina conquistando o acidente capital da colina Darwin.

Mais uma vez, Como conseguiram os britânicos romper essa situação de equilíbrio e continuar com o ataque? O que mudou na situação? E por fim, *“Entre todos os fatores que incidiram no resultado final da batalha, qual foi o que produziu o desequilíbrio a favor das tropas britânicas?”*

Dentre todos os fatores analisados ao longo desta pesquisa, identificamos como fator de desequilíbrio: **A aplicação do princípio da massa**. Massa de forças mas também de fogos.

O princípio da massa foi aplicado na concentração de **forças** quando, após a morte do Cmt britânico, a intensidade da aplicação do poder de combate mudou. De fato, inicialmente as 4 companhias de fuzileiros paraquedistas atacavam a linha de contato argentina com a mesma intensidade em toda a frente. Mas após assunção do comando pelo Mj Keeble, 2º Cmt, duas companhias (Cia A e Cia C(-)) passaram a atacar à posição argentina na colina Darwin (E) e as outras duas (Cia B e Cia D) se concentraram sobre a posição argentina em Boca House (W). Assim a relação de poder de combate local foi de 5 para 1 e de 6 para 1 respectivamente.

Paralelamente o princípio da massa foi aplicado na concentração de **fogos** mediante a execução de fogos simultâneos sobre os dois pelotões argentinos de contato. Esses fogos reuniram fogos de artilharia de campanha, artilharia naval, aviões de ataque, morteiros médios e as armas de tiro direto do batalhão paraquedista. Particular atenção merece o emprego das armas de fogo direto: metralhadoras, misseis MILAN e caçadores. Os britânicos empregaram 56 metralhadoras MAG 7,62mm no ataque às posições, mais de duas vezes a quantidade normal dum batalhão. Dessa forma alcançaram uma superioridade de 14 para 1. Quanto aos misseis MILAN. Apesar deles serem armas anti-carro, foram utilizadas com muito êxito para conquistar as

posições fortificadas argentinas. De grande importância foi também o emprego dos caçadores para engajar alvos importantes com fogo de precisão a longa distância.

À luz do anteriormente analisado afirmamos que **a aplicação do Princípio da Massa** no momento e lugar decisivo foi o fator que conseguiu quebrar a situação de equilíbrio, penetrar o dispositivo defensivo argentino, continuar o ataque e decidir o resultado final da batalha.

## REFERÊNCIAS

ADKIN, Mark. **"The Battle of Goose Green: A Battle is fight to be won"**, Cassell Military Paperbacks, 2007.

- BOLIA, Robert S. "**Darwin-Goose Green Battle**", Military Review Nr 85, 2005. (EEUU).
- EDDY, Paul - LINKLATER Magnus. "**Una cara de la moneda**", Ed Hyspamérica, 1983.
- EJÉRCITO ARGENTINO. "**Informe Oficial Conflicto Malvinas**", Ed Instituto Geográfico Militar, 1983.
- EXÉRCITO ARGENTINO, "**ROD-71-01, Organización y Funcionamiento de los Estados Mayores**", Ed IGM, 1998.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. EB60-ME-12.401 "O Trabalho de Estado-Maior", 2016 (BRASIL).
- FITZ-GIBBON, Spencer. "**Not mentioned in despatches: The History and Mythology of the battle of Goose Green**", Ed Lutterworth Press, 2001.
- HASTINGS, Max - JENKINS, Simon. "**La Batalla por las Malvinas**", Ed EMECÉ, 1984.
- PIAGGI, Ítalo Ángel. "**El Combate de Goose Green**", Ed Planeta, 1994.
- PIAGGI, Ítalo Ángel. "**Ganso Verde**", Ed Planeta, 1986.
- RATTENBACH, Benjamín. "**Informe Final de la Comisión de análisis y evaluación de las responsabilidades en el conflicto del Atlántico Sur**", Ed Fin de Siglo, 2000.
- RUIZ MORENO, Isidoro. "**Comandos en Acción**", Ed Claridad, 2011.
- THOMPSON, Julian. "**La Savia de la Guerra**", Ed Instituto de Publicaciones Navales, 2000.
- THOMPSON, Julian. "**No Picnic**", Ed Testimonios Atlántida, 1987.
- TÚROLO, Carlos M. (h). "**Malvinas, Testimonio de su Gobernador**", Ed Sudamericana, 1983.